

# **CULTURA SOLIDÁRIA: UM DESAFIO PARA AS AÇÕES EXTENSIONISTAS DA INCUBADORA DE EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS (IESol – UEPG)**

## **Área temática: Cultura**

**Marcia Alves Soares Da Silva (marcia.alves.geo@gmail.com)**

**Carlos Fabrício Havrechaki (grazonfabricio@gmail.com)**

**Lívia Maria Da Silva Cunha (livia.cunha@yahoo.com.br)**

**Mateus Sauer Neves (mateus.sauer89@hotmail.com)**

**André De Souza Fedel (drefedel@gmail.com)**

**Resumo:** A discussão sobre economia solidária (ecosol) vai além das mudanças relacionadas à questão econômica e social, mas diz respeito a transformação da sociedade também do ponto de vista cultural. Assim, a construção de uma cultura solidária envolve a mudança no próprio modo de vida e nas relações interpessoais entre os trabalhadores que adotam os princípios da economia solidária. Neste sentido, este artigo tem como objetivo discutir a cultura solidária dentro deste contexto capitalista de individualismo e competição com base nas atividades da Incubadora de Empreendimentos Solidários (IESol). Para tanto nossa metodologia é composta de um levantamento bibliográfico e uma discussão teórica sobre a cultura que pretende-se forjar e a cultura que é gestada dentro de um modelo alternativo proposto pela economia solidária, no caso abordando ainda o desafio que a Incubadora de Empreendimentos Solidários (IESol), pertencente à UEPG enfrenta à essa nova proposta em suas ações de extensão.

**Palavras-chave:** Cultura solidária. IESol. Extensão. Economia solidária.

## **Introdução**

A proposta da economia solidária, na qual a IESol embasa suas ações extensionistas na região dos Campos Gerais, envolve alguns princípios básicos, no intuito de uma mudança estrutural tanto no sentido econômico, social e também cultural. As mudanças no ponto de vista cultural dizem respeito especialmente a uma nova forma de organização dos trabalhadores nos empreendimentos solidários, que abordem novas formas de relações, pautadas na ideia de solidariedade, igualdade e autogestão entre os envolvidos. Ou seja, os princípios da economia solidária estão em sentido oposto a atual conjuntura proposta pelo sistema capitalista, baseado na competição, individualismo e hierarquia de decisões, onde, a proposta de outra economia e outra cultura, neste contexto, é extremamente desafiadora. Entende-se então que as ações que envolvem a economia solidária também devem contemplar a discussão sobre uma nova cultura, ou seja, uma cultura de solidariedade. É imprescindível para qualquer ação baseada nestes princípios que se pense também em uma nova cultura de

relações sociais e de trabalho, onde os trabalhadores além de adotar a ideia da ecosol também devem pensar em mudar determinados comportamentos e ações no intuito de atingir verdadeiramente àqueles princípios e possibilitar uma transformação nos empreendimentos econômico-solidários (ees).

Neste viés, nossa proposta irá discutir alguns pontos importantes para nortear o debate. O primeiro deles diz respeito ao nosso entendimento de cultura, do ponto de vista das ciências humanas, além de abordarmos de forma sucinta a ideia de cultura solidária, já que há poucos trabalhos que contemplem a questão. Após, a relação destes dois conceitos com os princípios da economia solidária, baseada especialmente na autogestão, solidariedade e igualdade entre os envolvidos e por fim, o desafio que a Incubadora de Empreendimentos Solidários (IESol) pertencente à UEPG enfrenta ao propor esta nova alternativa frente às desigualdades do cotidiano, impostas pelo capitalismo.

## **Objetivos**

O presente trabalho tem como objetivo discutir a cultura solidária dentro do contexto capitalista de individualismo e competição com base nas atividades da Incubadora de Empreendimentos Solidários (IESol).

## **Referencial Teórico- Metodológico**

A cultura está em constante construção, já que ela é volúvel no tempo e no espaço. Possui distintos significados ao longo da história, mas pode-se dizer que ela é uma construção dos homens, sendo uma manifestação no espaço, e que diz respeito à forma como o homem se relaciona tanto espacialmente quanto socialmente. Nesse sentido, a cultura é mutável e o contexto influencia na forma como a cultura é apropriada pelo indivíduo e pela coletividade.

A cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio, um resultado obtido através do próprio processo de viver. Incluindo o processo produtivo e as práticas sociais, a cultura é o que nos dá a consciência de pertencer a um grupo, do qual é o cimento (SANTOS, 1987, p. 61).

Corrêa (s/d) afirma que a cultura é uma análise dos significados dos saberes, técnicas e crenças de um grupo, que são traduzidos em representações e práticas e que dão sentido à vida do grupo, ou seja, a cultura é uma criação social não mensurável. Ou seja, a cultura além da questão material, que remete à arquitetura, paisagens, elementos simbólicos, também está relacionada com as questões imateriais, o saber-fazer, as relações sociais, o modo de vida, as relações de trabalho. Assim, quando pensamos na proposta da economia solidária, é relevante tocarmos na questão cultural, já que a cultura que vivemos, a capitalista, nos é (im)posta de maneira desigual e perversa, desconsiderando as particularidades locais.

Neste sentido, conforme Warnier:

A cultura é uma totalidade complexa feita de normas, de hábitos, de repertórios de ação e de representação, adquirida pelo homem enquanto membro de uma sociedade. Toda cultura é singular, geograficamente ou socialmente localizada, objeto de expressão discursiva em uma língua dada, fator de identificação diante dos outros, bem como fator de orientação dos atores, uns em relação aos outros e em relação ao seu meio. Toda cultura é transmitida por tradições reformuladas em função do contexto histórico (WARNIER, 2000, p.23).

Dentro do contexto da economia solidária, as pessoas envolvidas nas práticas cotidianas de criação e formações de cooperativas estão construindo cultura. A cultura solidária é a expressão concreta da solidariedade entre os membros, ou seja, uma consciência comum, e legitima uma posição de resistência e assinala um caminho possível, construindo a partir de práticas desenvolvidas *em comum*. Define-se simultaneamente como um *projeto* e um *processo*, que apontam para uma prática política de transformação. Além disso, nasce de uma negação do egocentrismo e do primado da competição desenfreada e supõe a prática de interações sociais igualmente solidárias (OLIVEIRA, 2006).

Conforme o autor, não é fácil assimilar e rapidamente incorporar novas formas de pensar e de agir, colocando-as em prática, de modo a sempre levar em consideração o outro, a cada instante da vida, ou seja, mostra-se a relevância de um curso de formação em cooperativismo: ideia de cooperativa, implicações do ato de cooperar, cooperação e competição, diferenciações entre autogestão e heterogestão, relações entre indivíduo e coletividade, princípios do cooperativismo, noções de Direito, adequação dos produtos e serviços à necessidade do mercado/público, viabilidade econômica do empreendimento

De acordo com Brasil et al (2012) transitar entre duas culturas é um grande desafio, porque a cultura capitalista é centrada no indivíduo e não na coletividade. É pautada na desigualdade e na competição, ao invés da igualdade e cooperação, incentiva o egoísmo e não a solidariedade. É a arena do mercado e não da democracia. A cultura capitalista serve ao capital, e não ao ser humano e a natureza. Ou seja, vivemos numa cultura de perversidade, onde há a negação dos direitos imprescindíveis ao ser humano.

## **Resultados**

Com esta compreensão sobre o capitalismo, um dos desafios que se coloca diz respeito à instauração de uma nova cultura. Brasil et al (2012) elencaram três condições que devem ser observadas para a instalação deste novo conceito: a) diagnóstico crítico sobre o velho; b) desejo por mudança; c) existência de alternativas críveis sobre o novo. Tal conjunto de condições tenta aliar a vontade por mudanças com as condições viáveis para proceder a seu favor, e assim evitar tanto um otimismo ingênuo quanto um ceticismo irrevogável.

Para os autores, o principal entrave à autogestão e a economia solidária, como nos informa a teoria e nos comprova a prática, é a mudança cultural. Tal proposta, portanto, é um desafio para os trabalhos extensionistas da IESol, porque além do processo de incubação, que envolve as formações em economia solidária, as assessorias técnicas e a execução de demandas que aparecem no cotidiano de trabalho, é necessário e importante pensar constantemente na construção de uma nova cultura, tanto no sentido de trabalho, de relações interpessoais, de solidariedade e igualdades, que formarão o ideal conceitual de cultura solidária. Apesar de tal proposta ser difícil, laboriosa, processual, não é impossível, onde o constante exercício dentro da “velha cultura capitalista” abre caminhos para o novo.

Na realidade da IESol e conforme Brasil et al (2012), é provável que o motivo inicial ou principal de adesão dos trabalhadores à economia solidária não seja a vontade de vivenciar uma nova cultura e uma nova forma de vida. Mas, sugere-se que ao longo da vivência no empreendimento econômico solidário e nas instâncias do movimento da economia solidária este se transforme em um desejo adquirido a partir de então. Sobre o trabalho das incubadoras como um todo, onde a IESol também se enquadra, vale a citação de Lechat e Barcelos (2008):

[...] a estruturação da incubadora como um projeto de extensão universitária, a opção de, pela sua atuação, estar a serviço da promoção da cidadania, do trabalho e da inclusão social, respaldada pelos princípios e valores já consolidados da economia solidária, ou seja: cooperação, autogestão, solidariedade, valorização do trabalhador e desenvolvimento sustentável. Significa, na verdade, o propósito de trabalhar na criação ou compreensão de outra cultura de vida e de convivência que não é a hegemônica na sociedade. Entende-se, então, que se está propondo a contra-hegemonia, cuja metodologia de ação requer que se tenha como eixo transversal do processo de trabalho a formação (LECHAT e BARCELOS, 2008, p. 100).

A cultura solidária, portanto, é outra cultura de vida e não se trata de inventar uma cultura, mas de reconhecer e vitalizar culturas que sobrevivem mesmo em tempos de hegemonia neoliberal. De fato, a persistência de tais culturas abre brechas para que os princípios da economia solidária sejam absorvidos ou potencializados. Ao mesmo tempo, uma propensão a experimentar novas culturas, pode ser tanto o resultado como o pré-requisito para o sucesso desta empreitada.

As relações de trabalho dentro da autogestão se apresentam como antagonicas com as relações capitalistas de assalariamento, exploração dos trabalhadores, separação entre gestão e execução, entre trabalho intelectual e trabalho manual. Opõem-se a práticas paternalistas, assistencialistas e clientelistas, bem como evita a corrupção dos dirigentes, além de ser associada a uma nova concepção de democracia participativa e de exercício efetivo da cidadania (BRASIL et al, 2012).

De acordo com os autores, o choque cultural é inevitável, e por isso a formação continuada é um fator decisivo para pender a balança em um dos lados, sendo que o trabalho das incubadoras segue esta direção, e os resultados práticos desmentem a ideia neoliberal de que “não há alternativas”.

### **Considerações finais**

A partir do debate e das experiências nas atividades da IESol, percebemos que o principal entrave à autogestão e à economia solidária é justamente a questão cultural. Isto porque a cultura do capitalismo, do individualismo e da competição está impregnada no nosso cotidiano. Assim, a cultura solidária é uma forma de superação desta “velha” cultura do capitalismo, ou seja, é uma alternativa no intuito de promover o ser humano e potencializar as relações entre os membros dos empreendimentos. É necessário que todos tenham consciência da importância dessa mudança cultural, que

refletirá não somente nas relações de trabalho, mas também no lado afetivo, de modo que cultivem e pratiquem a igualdade entre todos.

### **Referências bibliográficas**

BRASIL, Manuela Salau; FEDEL, André de Souza; SAWCZYN, Sabrina. **O novo nasce do velho: cultura e economia solidária**. Anais do III CEPIAL, Curitiba, 2012.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Temas e caminhos da Geografia Cultural**. S/d. Cd Cultura.

LECHAT, Noelle; BARCELOS, Eronita. **Autogestão: desafios políticos e metodológicos na incubação de empreendimentos econômicos solidários**. Revista Katálysis. V. 11 N. 1. UFSC, 2008.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. **Cultura solidária em cooperativas. Projetos coletivos de mudança de vida**. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, Milton. **Espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

SERON, Paulo. **Cultura Solidária**. Revista de Psicologia da UNESP, 7(1), 2008.

WARNIER, Jean Pierre. **A mundialização da cultura**. Bauru: Edusc, 2000.